



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

TALIA CRISTIANE ELIAS BRITO

POLÍTICA DE MORTE ATRAVÉS DO OLHAR DE EVITA-EVA LOPO EM A
***COSTA DOS MURMÚRIOS*, DE LÍDIA JORGE**

PATU/RN
2021

TALIA CRISTIANE ELIAS BRITO

POLÍTICA DE MORTE ATRAVÉS DO OLHAR DE EVITA-EVA LOPO EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS*, DE LÍDIA JORGE

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo

PATU/RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B882p Brito, Talia Cristiane Elias
Política de morte através do olhar de Evita-Eva Lopo em *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge. / Talia Cristiane Elias Brito. - Patu, 2021.
45p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Política de morte. 2. Eva Lopo. 3. Guerra Colonial em Moçambique. 4. Decolonial. 5. Literatura Portuguesa Contemporânea. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos ao Todo Poderoso que sempre me impulsionou no processo da escrita deste trabalho. Por alguns momentos pensei em desistir, pois pesquisar e transmitir através da escrita não é uma missão nada fácil, mas a todo instante carregava comigo a palavra do Senhor que se encontra em Josué 1-9: “Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor o seu Deus, estará com você por onde andar”. A palavra d’Ele tornou-se meu combustível diário na construção significativa desta Monografia. Uso este parágrafo inicial para dizer também que não há limites para sonharmos quando pedimos para Deus, hoje concretizo aquilo que tanto almejei um dia, ser Professora. Gratidão ao Senhor.

Escrevo este com lágrimas nos meus olhos. Existe alguém que hoje é uma estrelinha, o qual sempre que eu falava que estava estudando para me tornar professora, ele se emocionava por demais, meu avô, Pedro Elias (*in memoriam*). Dedico essa conquista exclusivamente para este ser que tanto nos instruiu para sermos pessoas de bem aqui na terra. Vovô, você se foi dia 23 de fevereiro do ano de 2021, mesmo ano que iria me formar, hoje estaria imensamente feliz por sua neta está recebendo este título. Deixo aqui minha eterna gratidão por em vida ter sido feliz comigo neste tão lindo sonho. Nos ilumine sempre daí de cima, Pedroquinha!

Deixo aqui meus agradecimentos também a uma das pessoas que mais me apoiou durante o processo da escrita, meu amor, Leonardo. Você foi primordial e essencial para que eu criasse forças diariamente no momento da produção deste trabalho, obrigada por tudo que foi, é, e sempre será em minha vida! Peço a Deus que continue a nos abençoar mais e mais, e que nossas conquistas sejam sempre compartilhadas uma com o outro. Saiba que serei eternamente grata por todo cuidado e paciência comigo, amor!

Minha família não poderia deixar de estar presente neste momento de agradecimentos. Quero afirmar com muita intensidade que vocês foram minha base constante nos momentos que me desesperei e deixei de acreditar no meu potencial para a conclusão deste trabalho, principalmente, minha mãe, meu pai, meu irmão. Sou imensamente grata por todo apoio de vocês e pelas palavras de incentivo sempre. Meus avós paternos e maternos, agradeço pelas orações constantes para que este momento pudesse se concretizar da forma mais leve possível. Por esse motivo é uma conquista que devo compartilhar e viver com vocês. Obrigada por tanto, meus amores!

Agradeço também ao CAP/UERN por possibilitar minha entrada nesse espaço tão rico em acolhimento, afetividade e de professores tão humanos. Assim, todos aqueles que fizeram

parte desse período de construção contínua em minha vida acadêmica, sintam-se abraçados, principalmente os professores do Curso de Letras - Língua Portuguesa. Vocês foram essenciais para que eu pudesse chegar aonde cheguei, cada um com seu toque, lapidando e ampliando cada vez mais meus conhecimentos.

Meus agradecimentos aos meus colegas de curso pelas manhãs e noites em claro, de compartilhamentos de angústias diante dos nossos obstáculos, mas sempre apoiando-nos na certeza de que no final tudo daria certo. Sunamita, Anderlia e Ana Tereza, sempre fomos um grupo unido embora as diferenças e, sobretudo, a distância. Buscávamos constantemente nos ajudar naquilo que fosse preciso, mesmo com um tempo curtinho. Meninas, vencemos esta etapa de muitas que ainda virão! Que sejamos sempre esse quarteto tão intenso e dedicado em tudo que faz.

Sunamita tenho que direcionar um espaço só para você. Perturbei-lhe tanto no processo da escrita, você sempre esteve disponível para me ouvir, opinar e criticar aquilo que eu precisava melhorar, mesmo estando em linha de pesquisa distinta da minha. Obrigada, amiga irmã, por todas as contribuições! Saiba que estarei sempre aqui para tudo que você precisar, desejo muitas conquistas para sua vida.

Minha professora lindeza Annie foi primordial para que eu escolhesse essa área de estudo! É engraçado falar sobre isso, mas eu queria distância da Literatura e quando assisti a sua primeira aula sobre Literatura Portuguesa, me encantei, foi um momento que deu até um friozinho na barriga, rs. A partir de então não quis mais me distanciar desse universo tão lindo, e você, Annie, foi responsável por isso. Meu lado profissional é inspirado em você! Tão dedicada, esforçada, inteligente por demais e que está sempre querendo muito mais, sempre disponível para sanar nossas dúvidas. Com você, consegui sair da minha zona de conforto na escrita, me fez ampliar meu olhar diante dos textos literários, não os limitando a uma mesmice, mas me mostrando que esse mundo nos possibilita uma multiplicidade de sentidos. Não posso esquecer-me de agradecer também a oportunidade de me inserir na pesquisa, PIBIC, foi a partir desse projeto que ampliei meu olhar crítico, tanto ao que se refere à escrita como ao pensamento social. Tudo isso permanecerão aqui dentro de mim sempre!

Aos colegas de PIBIC, sou só gratidão pela vida de vocês. Nossas discussões noturnas juntamente com a professora Annie eram sempre momentos de leveza, como falávamos. Os dias de encontro nos tranquilizavam, embora houvesse o cansaço da escrita e do trabalho. Amigos, continuem com essa dedicação tão profunda naquilo que fazem! Saibam que levarei cada um em meu coração, torcendo sempre pelo sucesso de vocês.

Minha banca examinadora, prof.^a Francisca Laila Ribeiro Pinto e prof.^a Vanessa Bastos Lima, gratidão por aceitar o convite de se fazer presente neste momento tão importante na minha vida, por tirar um tempo e se dedicar à leitura e análise do meu texto, sobretudo, por avaliar de forma tão enriquecedora. As contribuições de cada uma foram essenciais para minha formação, como forma de retribuir desejo muito sucesso no caminhar de vocês. Claudia Tomé, diretora do *campus*, agradeço por sempre estar em busca do nosso bem estar no espaço universitário.

[...] uma memória fluida é tudo o que fica de qualquer tempo, por mais intenso que tenha sido o sentimento, e só fica enquanto não se dispersa no ar. Embora, ao contrário do que se pensa, não ignore a História. Acho até interessante a pretensão da História, ela é um jogo mais útil e complexo do que as cartas de jogar. (JORGE, 2004, p. 42)

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar como o amadurecimento da personagem Evita-Eva Lopo na obra *A Costa dos Murmúrios* (2004), de Lídia Jorge, torna-se uma alegoria que marca a necessidade de uma posição decolonial nos portugueses, haja vista o contexto de Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974) em espaço moçambicano no romance. A relação entre política de morte/necropolítica e a protagonista da obra nos fez refletir o motivo que levou a escritora inserir determinados fatos em sua narrativa. Desse modo, constatamos que a presença do ser feminino como figura primordial no texto literário, transfigurou-se numa perspectiva de desconstrução patriarcal, tendo em vista o papel que a mulher pode ocupar na sociedade, bem como nos apresentar através da memória e da história as nuances da guerra por meio das vivências da protagonista. A fim de entendermos tais elementos políticos entrelaçados à construção de Eva Lopo em ambiente colonial, se fez necessário pensarmos na literatura contemporânea relacionada a filosofia, pois há no campo filosófico autores que abordam sobre questões políticas, como: Achille Mbembe (2017; 2018), e Michael Foucault (2015); Já ao que se refere a posição da personagem, Françoise Vergès (2020). Para os aspectos que dizem respeito às concepções sobre pesquisa literária e categoria narrativa personagem, Ian Watt (1990), e Terry Eagleton (2019;2019). Assim sendo, nosso trabalho possui caráter qualitativo e bibliográfico, pois faz a união de excertos literários interligados a teoria, como forma de uma melhor compreensão do objeto de estudo. Esta investigação nos fez compreender, a partir da relação entre a protagonista e os aspectos coloniais, a importância da experiência de Eva no país africano para que tomássemos conhecimento dos pormenores que são enraizados nas práticas colonialistas, contribuindo para pensarmos na política de hoje e refletir sobre a condição que os outros se encontram diante de determinados contextos sociais. Sobre o ser feminino, constatamos que é uma figura a qual busca se aproximar das problemáticas que circundam o descarte do corpo negro e das subjugações, haja vista àquelas que recaem sobre ambos. Dessa maneira, inferimos que a mulher deve ganhar mais visibilidade e voz na sociedade, pois se configura como a esperança de lutas em busca de igualdade.

Palavras-chave: Política de morte; Eva Lopo; Guerra Colonial em Moçambique; Decolonial; Literatura Portuguesa Contemporânea.

ABSTRACT

This research sought to analyze how the maturation of the character Evita-Eva Lopo in the work *A Costa dos Murmúrios* (2004), by Lídia Jorge, becomes an allegory that marks the need for a decolonial position in the Portuguese, given the context of the Portuguese Colonial War (1961-1974) in Mozambican space in the novel. The relationship between the politics of death/necropolitics and the protagonist of the work led us to reflect on the reason why the writer inserts certain facts into her narrative. Thus, we find that the presence of the female being as a primordial figure in the literary text, transfigured into a perspective of patriarchal deconstruction, given the role that the woman can occupy in society, as well as presenting us through memory and history the nuances of war through the protagonist's experiences. In order to understand such political elements intertwined with Eva Lopo's construction in a colonial environment, it was necessary to think about contemporary literature related to philosophy, as there are, in the philosophical field, authors who address political issues, such as: Achille Mbembe (2017; 2018), and Michael Foucault (2015); As for the position of the character, we have Françoise Vergès (2020). For aspects concerning the conceptions of literary research and character narrative category, Ian Watt (1990), and Terry Eagleton (2019;2019). Therefore, our work has a qualitative and bibliographic character, because it makes the union of literary excerpts linked to theory, as a way of better understanding the object of study. This investigation made us understand, from the relationship between the protagonist and the colonial aspects, the importance of Eva's experience in the African country so that we could get to know the details that are rooted in colonialist practices, contributing to thinking about today's politics and reflecting on the condition that others are faced with certain social contexts. About being female, we found that he is a figure who seeks to approach the issues surrounding the disposal of the black body and subjugations, given those that fall on both. Thus, we can infer that women should gain more visibility and voice in society, as they are the hope of struggles in search of equality.

Keywords: Politics of death; Eva Lopo; Colonial War in Mozambique; Decolonial; Portuguese Contemporary Literature.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 10 |
| 2 CAPÍTULO 1 - EVA ENCARA O PROJETO COLONIAL PORTUGUÊS EM BEIRA: UMA LEITURA DA EXPERIÊNCIA DE GUERRA DA PROTAGONISTA . | 15 |
| 2.1 De Évita a Eva Lopo: a configuração da protagonista em <i>A Costa dos Murmúrios</i> ... | 16 |
| 2.2 A exploração do corpo negro tecido n'<i>A Costa dos Murmúrios</i>..... | 21 |
| 3 CAPÍTULO 2 - PELO FIM DAS COLONIALIDADES: POSSIBILIDADE PARA UM OUTRO MUNDO EM A <i>COSTA DOS MURMÚRIOS</i> | 27 |
| 3.1 O corpo negro e o corpo feminino: encontros críticos na trama..... | 29 |
| 3.2 Uma abordagem esperançosa da comunidade aberta à multiplicidade de formas de estar no mundo | 35 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS | 45 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao estudarmos sobre o campo literário, especificamente quando nos referimos ao romance contemporâneo, estamos entrando em um território que apresenta crítica social e histórica em relação a determinados espaços. Nessa perspectiva, temos uma forma distinta de fazer literatura, àquilo que no século XVII era visto como escritas que vislumbravam romantizar fatos, posteriormente, no fim do século XVIII, tornou-se uma nova forma de conteúdos que tem por interesse os aspectos realistas partindo, sobretudo, segundo Ian Watt (1990, p. 14-15), do contato que o indivíduo possui dentro de diversas localidades e sua experiência singular, que parte dos seus sentidos/sensações, irão desvendar verdades presentes ali para serem (re)contados.

Interpretar esses constituintes não se torna uma tarefa fácil quando sabemos que se tratam de aspectos recriados por determinados autores com intuito de fazer uma denúncia sobre problemáticas sociais. Para trazer essas situações dentro da escrita literária há uma construção que dá mais visibilidade a esses fatos, não somente ao que concerne sua estrutura, respeitando seus operadores, mas uma elaboração que esteja conectada aos elementos contextuais basilares levados ao texto literário, como personagens e espaços característicos, por exemplo. A partir disso, entendemos que as produções de textos literários contemporâneos auxiliam, sobretudo, na compreensão das situações políticas e sociais, fazendo-nos refletir sobre as condições que se encontram cada ser. Crucialmente, é àquilo que a autora Lídia Jorge elabora em seu romance.

A *Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge, foi publicada pela primeira vez no ano 1988, a qual possui um desenvolvimento contextual racista, colonial e ao mesmo tempo patriarcal, podendo esses aspectos estarem ligados às concepções de política de morte. A escritora traz para a narrativa suas vivências nas terras africanas, a qual passou um período na cidade Beira em Moçambique, especificamente durante a década de 1960 e 1970, momento que estava ocorrendo a Guerra Colonial da tropa portuguesa sobre as ordens de António da Oliveira Salazar¹. Após conviver nessa conjuntura por um tempo, buscou recriar esses fatos através da sua memória, depositando-os na escrita ficcional. Para relatar esses acontecimentos, Jorge (2004) inventa uma personagem feminina para viver de forma intensa as situações, assim ela nos apresenta detalhadamente as raízes das ações coloniais.

¹ Segundo David Birmingham (2015, p. 185) “um novo entusiasmo pelo papel de Portugal como uma das “grandes potências” nas colônias moçambicanas”.

Antes de adentrarmos nas demais seções deste trabalho é considerável apresentarmos uma breve conceituação sobre a política de morte, a qual ocorre no país africano e é o elemento central de todo o enredo. Assim sendo, o conceito de política de morte pode ser associado ao termo necropolítica usado pelo filósofo Achille Mbembe (2018), quando ele vem discorrer sobre as problemáticas encontradas nas práticas coloniais. O colonialismo visou e visa, claramente, dominar certo território, em que para isso é necessário impor suas ordens, as quais devem ser seguidas rigorosamente, de outro modo haverá consequências de exposição à morte. Portanto, entendemos que se trata de um poder instalado em uma específica localidade com espírito de dominação territorial, sendo possível afirmarmos que se refere aos cenários classificados como Estado de exceção. Quando o Estado de direito é suspenso e seus subsídios legislativos e constitucionais são suspensos.

Partindo de tais aspectos, esta pesquisa busca analisar como o amadurecimento da personagem Evita-Eva Lopo na obra *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge, torna-se uma alegoria que marca a necessidade da construção de uma visão decolonial nos portugueses. Para tanto, será necessário entendermos as escolhas ficcionais da autora a respeito da personagem feminina no contexto de guerra/estado de exceção no romance. Desse modo, investigaremos as correlações e os encontros entre a exploração do corpo negro e do corpo feminino dentro da narrativa, bem como abordar sobre a perspectiva de Portugal seguir o caminho de uma comunidade imaginada por eles próprios. Por último, discutiremos sobre uma possível comunidade aberta a multiplicidades de formas de ser e estar no mundo, partindo do olhar e das descrições da protagonista jorgeana.

Assim, ao entrarmos n' *A Costa dos Murmúrios*, de antemão percebemos que Eva Lopo, mulher branca, europeia e estrangeira, passa por uma construção que a faz alcançar um amadurecimento necessário para o lugar que ela passa a ocupar posteriormente no romance, assim, se constituindo através de um processo e desenrolar (EAGLETON, 2019, p. 72). Durante sua experiência naquele espaço de guerra demonstra interesse de conhecer de forma mais profunda os acontecimentos decorrentes ali. Ao conviver intensamente com determinadas situações, a protagonista irá possuir um posicionamento decolonial, buscando maneiras para pôr um fim nas atrocidades do projeto imperial português, libertando o povo moçambicano do colonialismo de verve salazarista.

Abordar sobre personagens de uma história, é debruçarmos diante de um ser cuja criação parte de perspectivas contextuais reais. Por se tratar de algo que foi criado baseado em fatos históricos, denomina-se elemento fictício ligado à verossimilhança, ou melhor, a realidade de um específico tempo, a qual só possuirá vivacidade no momento em que ouvimos

ou lemos narrativas sobre ele, caso contrário, o mesmo cairá na não existência, no esquecimento, como bem ressalta Eagleton (2019, p. 56). À vista disso, para que a personagem possua expressividade, tem que haver uma conexão entre leitora e obra, o ato da leitura, bem como a interpretação que recai sobre ele.

Nessa perspectiva, compreendemos que a protagonista de um texto literário, além de se tornar uma figura textual, pode significar um símbolo ou um caráter no texto literário, sendo trazido para a narrativa com o intuito de vir a representar algum momento histórico, em que podemos relacionar essa concepção a protagonista de Lídia Jorge. Partindo disso, para que um enredo histórico possa existir é importante à presença dos personagens na história, os quais servirão de cunho importante para o desenvolvimento das cenas decorrentes. Com isso, é perceptível que há uma conjuntura estrutural entre a ação e personagem para que tomem formas significativas e ao mesmo tempo interpretativas.

Por esse lado, pensamos no personagem interligado a interpretação. Por esse viés é importante salientar que há diversas maneiras interpretativas as quais recaem sobre a figura literária, contudo, é depositada em cena pelo o autor de uma obra já com uma forma fixa, tanto ao que tange sua postura existencial como na delimitação da sua conduta durante o romance. Em outras palavras, mesmo havendo inúmeras interpretações sobre determinado personagem, ele é inserido nos cenários seguindo uma única posição intencional pelo o autor. Diante disso, pode variar o olhar sobre ele, mas sua configuração e representação textual permanecerão.

Isto posto, a pesquisa irá se caracterizar como um estudo crítico em relação ao nosso olhar de pesquisadora sobre determinada obra, podendo ser associada como uma análise-interpretativa, a qual visa ler e compreender os aspectos políticos contextuais por meio da junção de fragmentos do texto literário com teorias pertinentes. Assim sendo, este trabalho é de cunho qualitativo e bibliográfico, uma vez que trazemos a união de trechos da obra com textos teóricos, para que haja qualidade interpretativa para quem ler a presente pesquisa. Todavia, nosso intuito não é cristalizar o romance em uma verdade analítica, pois sabemos que existem inúmeras leituras possíveis, mas trata-se de um estudo de acordo com nosso recorte temático, com isso, deixando-o livre para futuras pesquisas e desenvolvimentos a serem investigados em *A Costa dos Murmúrios*.

Para que pudéssemos entender tais aspectos que embasam nosso artefato de estudo, os quais estão ligados a esse momento de colonização em África, bem como a configuração que Evita-Eva Lopo possui dentro desse conflito de guerra, utilizamos como suporte teórico os seguintes autores: Achille Mbembe (2017; 2018), trazendo contribuições sobre a política de

morte e política de inimizade, em que são discussões fundamentais para a organização da nossa escrita; Françoise Vergès (2020), abordando sobre feminismo decolonial, visto que é um apontamento crucial ao que diz respeito aos posicionamentos de Eva Lopo durante a narrativa; Michael Foucault (2015), discorrendo sobre como ocorre o biopoder e seus dispositivos; Franz Fanon (2011), com os elementos que estão enraizados nas práticas colonialistas; Grada Kilomba (2019), sobre a ideia de sujeito e objeto nos espaços coloniais; Roberto Vecchi (2010), discutindo sobre a literatura de Guerra Colonial, haja vista a caracterização do romance em análise; Benedict Anderson (2018), sobre a perspectiva de Estado-nação enquanto comunidade imaginada; Eduardo Lourenço (1992), acerca das concepções nacionalistas e imperialistas portuguesas; Ian Watt (1990) e Terry Eagleton (2019; 2019), que abordam sobre personagens e aspectos sobre a construção da pesquisa nos estudos literários.

A estrutura do nosso texto está dividida em duas seções teóricas-analíticas, a primeira intitulada por “Eva encara o Projeto Colonial Português em Beira: uma leitura da experiência de guerra da protagonista”, na qual tecemos sobre aspectos que circulam nos textos literários contemporâneos, tendo como foco a nossa obra em análise. Essa seção é composta por dois tópicos: 1.1 “De Evita a Eva Lopo: a configuração da protagonista em *A Costa dos Murmúrios*”, nele analisaremos os elementos contextuais que influenciam no amadurecimento da protagonista Eva Lopo, haja vista sua posição decolonial ao decorrer do romance; e o 1.2 “A exploração do corpo negro tecido n’*A Costa dos Murmúrios*”, que abordaremos sobre a opressão e a exploração em relação ao corpo negro masculino e o feminino, refletindo as práticas coloniais como meio de retirar a cultura das pessoas moçambicanas.

A segunda seção está intitulada por “Pelo o fim das colonialidades: possibilidade para um outro mundo em *A Costa dos Murmúrios*”, nessa falamos, de maneira introdutória, sobre as concepções que enlaçam a política colonial, tendo em vista os aspectos ideológicos e patriarcais que a circundam. Para ela, direcionamos duas etapas: 2.1 “O corpo negro e o corpo feminino: encontros críticos”, mostrando como esses corpos (com)vivem no contexto de guerra sem fim; e 2.2 “Uma abordagem esperançosa da comunidade aberta à multiplicidade de formas de estar no mundo”, discutindo sobre a comunidade imaginada, enquanto nação europeia/portuguesa, bem como discorrendo, a partir da postura desenvolvida pela protagonista Eva Lopo, uma reflexão sobre uma possível comunidade futura de fato democrática.

É considerável destacar que o interesse para estudarmos a narrativa de Lídia Jorge ocorreu por meio da temática trazida pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC), do

CAP/UERN, por intermédio do projeto com o seguinte título: “‘O que vale a vida aqui?’ a necropolítica tecida na prosa contemporânea portuguesa”; do mesmo modo a motivação se deu pela importância de ampliar os estudos sobre a escrita de Lídia Jorge, especificamente *A Costa dos Murmúrios* que não possui um número significativo de trabalhos nos bancos de dados, dessa forma, estaremos contribuindo para com o estudos jorgeanos.

Para além disso, a respectiva narrativa amplia nosso olhar em relação as práticas políticas nas múltiplas sociedades contemporâneas, e nos faz refletir sobre a condição dos indivíduos nesses espaços que levam em sua conjuntura uma política intrinsecamente complexa. Por esse ângulo, o desenvolvimento do trabalho se tornará de grande contribuição para a continuidade dos estudos jorgeanos, por se tratar de um apontamento inexistente/inédito e instigante para aqueles que buscam se aprofundar nas produções de Lídia Jorge, mais precisamente, a obra *A Costa dos Murmúrios* (2004).

2 CAPÍTULO 1 - EVA ENCARA O PROJETO COLONIAL PORTUGUÊS EM BEIRA: UMA LEITURA DA EXPERIÊNCIA DE GUERRA DA PROTAGONISTA

As investigações sobre algumas obras literárias devem buscar caminhos que mostrem algo sutil, não aquilo que já conseguimos ver antecipadamente, são esses pormenores que se tornam responsáveis ao que se refere a vivacidade e constituição do texto literário. Nesse ponto de vista, aquilo que observamos na narrativa jorgeana é que o enredo carrega consigo fatos históricos da Guerra Colonial imposto pelo projeto imperial português em África descritos por uma mulher, algo inaceitável ao poder patriarcal. A partir desse contexto, que conjuga tantos problemas sociais, se constrói a protagonista dos fatos decorrentes que se enlaçam na escrita de Lídia Jorge, em *A Costa dos Murmúrios*.

Desse modo, começaremos nossa abordagem entendendo como esta personagem (Evita-Eva Lopo) é construída por Lídia Jorge dentro dos acontecimentos. Nesse romance, passamos a enxergar essa mulher como responsável por desvendar as obscuridades pertencentes às práticas coloniais. Além disso, compreendemos que ela passa a ter uma conduta distinta daquelas que a sua nação está constantemente realizando ali. Em outras palavras, Eva é o oposto dos portugueses, pois não está ali para contribuir com as atrocidades do projeto imperial português, mas sim romper com suas práticas por meio de sua futura conduta. A partir dessa individualidade, passamos a entendê-la como alguém sempre em busca de modos para reconfigurar o cotidiano do povo moçambicano.

Assim sendo, observamos a maneira que a autora traz esse contexto em ação na obra, inferimos o encontro de forma distinta das demais narrativas, pois Jorge (2004) insere para vivenciar esses fatos uma mulher, branca e europeia, a qual veio junto à tropa portuguesa para Moçambique. Evita-Eva Lopo se mostra durante toda a narrativa passando por transformações, visto que ocorrem de acordo com os aspectos sociais do romance. A obra jorgeana é dividida em duas partes, um conto introdutório e o romance propriamente dito, composto por nove capítulos sem titulação.

Com essa divisão, evidenciamos a personagem Evita-Eva Lopo, carregando consigo duas posições diferenciadas em cada parte que compõem o livro. Seu lugar de estrangeira em Beira a constitui enquanto fronteira. Na primeira posição, sentimos que ela é mais reservada, apenas observa as movimentações cotidianas daquele espaço. Posteriormente, vemos uma mulher mais aberta e ativa, no sentido de estar disposta a levantar indagações sobre o que está acontecendo, assim alcançando o pensamento decolonial, defendendo a libertação dos moçambicanos.

No decorrer desta seção, buscaremos analisar o contexto colonial em Moçambique ao que diz respeito ao processo de transição e transformação da personagem Evita-Eva Lopo que contribui para nos aproximarmos e escrevermos sobre problemas sociais e políticos presentes na narrativa. Esta primeira etapa irá se dividir em dois tópicos, o primeiro, apresentaremos de forma mais detalhada o aspecto sócio-histórico interligado à transição, transformação e amadurecimento de Evita-Eva Lopo. Dessa forma, percebendo a importância do contexto para o futuro posicionamento dela. Logo após, deteremos em estudar a exploração e sujeição do ser masculino e feminino e a opressão sobre os corpos negros e femininos a ponto de desvalorizar suas culturas, impondo novos costumes e outras ideologias, seguindo a cultura eurocêntrica, a dos portugueses.

2.1 De Evita a Eva Lopo: a configuração da protagonista em *A Costa dos Murmúrios*

A personagem Evita-Eva Lopo é uma criação fictícia da escritora Lídia Jorge na obra intitulada *A Costa dos Murmúrios*, a qual passa a experienciar um contexto de colonização em Moçambique, regido pelo projeto imperialista português sob o comando de António Salazar. Trazendo essa mulher para viver de maneira profunda os fatos que permeiam a Guerra Colonial Portuguesa, a autora traz uma ruptura às ideologias patriarcais do salazarismo, uma vez que o patriarcado durante tais manifestações políticas deixavam as mulheres reclusas, abrindo apenas espaço para experiência e a ação dos homens.

A Guerra Colonial ocorreu durante a década de 1960 e 1970, momento em que o Estado português se instalou nas terras africanas em busca de crescimento econômico, político e social. Foi nesse período de invasão em África, mais precisamente em Moçambique, que o colonialismo ganhou força ali novamente. Em vista disso, o regime português começou a impor suas ideologias naquele espaço como forma de dar continuidade aos seus costumes em um território estrangeiro, assim alcançando a conquista portuguesa, também objetivo do Estado Novo.

A perspectiva de Guerra Colonial é considerada uma política que busca colonizar e exterminar os corpos, podendo ser nomeada, com base em Achille Mbembe (2018), necropolítica/política de morte. De forma concisa é uma movimentação articulada com o objetivo de deixar morrer ou permitir viver², de acordo com suas contribuições ou não a

² De acordo com Michael Foucault (2015, p. 131) “Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte”.

determinado poder governamental. A partir dessa concepção utilitarista de vida e ocidental. De acordo com essa concepção utilitarista e ocidental, é perceptível que Lídia Jorge, aborda essa problemática em sua obra no momento em que traz para a narrativa personagens que são descartados por não aceitarem seguir as ordens salazaristas. É diante dessa conjuntura que se dá o processo de transformação da personagem Evita-Eva Lopo.

A protagonista jorgeana é professora de História, esposa do alferes Luis Alex, soldado da tropa portuguesa, a qual chega nas terras moçambicanas em sua companhia para passar um período em África até o fim da Guerra Colonial, nisso, já percebemos que desde aqui a mulher vai seguindo o caminhar do homem, abdicando de suas escolhas para acompanhá-lo, seguindo o destino do esposo. Posto isso, aquilo que percebemos de antemão, refere-se a personalidade que essa personagem carrega durante a obra, Evita é uma mulher distinta das demais companheiras dos outros soldados, tanto ao que tange seu interior como o exterior, ela é posta de tal forma na narrativa com o objetivo de quebrar preceitos do patriarcalismo português.

Para narrar suas experiências em Moçambique, a personagem tenta reconstituir sua memória para elaborar seus relatos, de forma que alcance a história como meio de retratar uma experiência coletiva. Ao trazer para sua escrita tamanha singularidade, a obra de Jorge (2004) pode ser classificada como

Representações literárias da guerra colonial que fundam a própria cifra peculiar justamente na problematidade do nexo entre memória e história, mais precisamente entre memória traumática e articulação de uma possível memória coletiva. (...) tal reconhecimento é efetuado a partir do ângulo mais dramaticamente lateral aos factos bélicos, o da representação feminina. (VECCHI, 2010, p. 126)

A literatura sobre a Guerra Colonial tem por objetivo trazer fatos históricos que foram vividos e que ficaram na memória para serem narrados com mais precisão, detalhando-os. Todavia, o evento que mais se destaca nessa tipologia literária são os personagens trazidos como representação desses momentos históricos e sociais limites, eles são postos em cena para simular um público que por instantes foram esquecidos nas historiografias tradicionais, ou como no caso de Evita, tratam-se de criações seguindo uma linha de ruptura a determinados padrões de escrita da história.

Pensando nisso, compreendemos que Lídia Jorge expõe em seu enredo uma junção política entre patriarcalismo e colonialismo, os quais são desconstruídos, como dito anteriormente, através da personagem Evita-Eva Lopo, uma mulher vivenciando de forma

profunda a Guerra Colonial portuguesa. Após esse período em África, Evita torna-se Eva Lopo, a mudança de nome demarca a mulher que agora não mais ignora seus questionamentos interiores sobre assuntos que despertam sua atenção naquele contexto. Nesse processo, podemos destacar a transformação da personagem, assimilando esse jogo a uma concepção de metamorfose, que ao se tornar Eva Lopo se molda e alcança o amadurecimento, o qual contribui para o papel decolonial e emancipador que lhe é atribuído ao decorrer da obra.

Ainda como Evita durante o conto inicial que compõe o romance, onde decorre a cerimônia do seu casamento com o alferes, sentimos a personagem como alguém que até então apresenta a sensibilidade e submissão que é atribuída ao feminino através do enquadramento governado pelo homem no século XX, a própria educação católica da geração de Eva corrobora com os sistemas patriarcal e colonial regidos, sobretudo, pela Nossa Senhora de Fátima, um dos três pilares do Estado Novo.

Afirmamos tal problemática, pois mesmo vendo e sentindo os pormenores de uma guerra e a dominação do estado português em diversos âmbitos como o poder sobre a vida, precisamente do corpo negro nas terras moçambicanas, Evita fica apenas a observar e sentir superficialmente os acontecimentos. Tendo em vista o contexto dessa época, em que permeia todos os fatos que sucedem a narrativa, a fragmentação que mais ganha nitidez durante a festa de Evita e Luis Alex, é o momento que

Pelo corredor, várias crianças passavam correndo em camisa de dormir. Atrás, duas mulheres em robes brancos (...) a caminho do elevador que conduzia ao terraço. “Está toda a gente no terraço!” – disse uma das mulheres em robe. Os noivos também vestiram seus robes leves, e muito enlaçados, subiram ao terraço. (JORGE, 2004, p. 16-17)

Nesse excerto, o que chama atenção é como a cena se constrói pela narradora partindo das vestimentas que essas pessoas usavam, se tratando de robes brancos que assemelha-se a representação da presença e da dominação do povo branco/europeu em Moçambique. Contudo, ainda apodemos dizer mais sobre esse episódio, visto que no instante que sobem ao terraço percebemos, para além do que está escrito, a ideia de superioridade e a movimentação que está a ocorrer lá em baixo sendo tipificada como inferioridade àqueles que estão ali. Com isso, percebemos que a escritora Lúcia Jorge ao narrar essas ocorrências nos apresenta a desigualdade e os estratos sociais nas terras moçambicanas, quem toma o alto e a frente é o regime português. Na cena, o que estavam a apreciar lá de cima do terraço era

O braço de mar que ali defronte fazia uma profunda poça, para onde, durante a noite, a água tinha arrastado corpos de gente afogada. Dois grandes *dumpers* de lixo tinham vindo (...) varrer a tragédia da vista da cidade, e várias carroçarias abertas não tinham sido suficientes para carregar tanto afogado (JORGE, 2004, p. 17).

Durante essa exposição, Evita ficava a observar lá de cima esse episódio, sem entender o que estava a acontecer, mas seus olhos se encontravam a todo o momento visualizando esses fatos como uma crueldade sobre essas pessoas, as quais foram mortas e o motivo encontrava-se oculto até então, sendo carregadas por caminhões de lixo. Enquanto os demais soldados que ali se localizavam apreciavam aquela movimentação vista do terraço como um evento glorioso, uma vez que “comiam todos olhando de vez em quando para aquela barra e aquele mar donde partiam *dumpers* com gente” (JORGE, 2004, p. 25). Apreciando como um verdadeiro evento, Evita estava despertando questionamentos sobre aquele cenário de perversidade, como as razões que se estabeleciam por trás das mortes dos negros e a insensibilidade dos portugueses.

A primeira indagação feita por Evita estava relacionada aos óbitos constantes que estavam havendo em Moçambique, a personagem estava apenas na companhia do seu noivo quando se aproximou dele e perguntou: “ainda haverá mortes pelas praias?” (JORGE, 2004, p.28). O interesse de Evita sobre esses fatores em Moçambique faz observarmos que a partir dessa conversa há vestígios de uma mulher em busca de saber muito mais sobre o que está havendo em relação aos fins repentinos desses corpos.

Ao passar dias e mais dias em um contexto como este a personagem percebe que há uma verdade a qual está sendo ocultada, algo que não lhe informavam com precisão sobre a morte daquelas pessoas e que para desvendá-la precisaria viver de maneira profunda a cidade de Moçambique, como uma necessidade de libertação. Por esse viés, o conto finaliza e inicia-se o romance, nele há a presença de Eva Lopo que deixa a leitora por dentro da “verdade” que é depositada diante daqueles fatos, despertando nosso olhar, quando diz:

Aconselho-o, porém, a que não se preocupe com a verdade que não se reconstitui, nem com a verosimilhança que é uma ilusão. Preocupe-se com a correspondência. Ou acredita noutra verdade que não seja a que se consegue a partir da correspondência? (JORGE, 2004, p. 42-43).

Eva Lopo afirma que a verdade posta à tona, diante daquele contexto de mortes, se trata de explicitações sem nexos, ou melhor, uma verdade que os convém em âmbitos políticos. Assim, para possuímos informações sobre tais circunstâncias, é de grande valor atentarmos

para os detalhes que são atribuídos dentro no texto literário, essa concepção Eva Lopo chama de correspondências ou sinais e pistas para conseguirmos visualizar esses problemas políticos.

Decidida a viver com intensidade essas correspondências, a personagem passa a explorar e reparar com mais atenção as ruas moçambicanas durante andanças com o noivo, o capitão e a sua mulher. Em

(...) uma volta sentados no banco de trás do descapotável, estou a vê-lo passar junto de nativos estendidos que fugiam em sobressalto. (...) Havia de facto gente deitada de bruços, de forma incomum, sobre passeios mais afastados da circulação e outros mesmo pareciam estar acampando só com o corpo. (JORGE, 2004, p. 49)

São essas ocorrências que revolvem Eva Lopo. Nelas, Eva busca se apaziguar mais e visualizar com exatidão a causa dessas mortes, os sinais que são postos ali, as expressões comportamentais, as conversas sobre essas manifestações das pessoas que fazem parte daquelas terras ou daqueles que chegaram ali recentemente. É diante desses olhares e vozes, da escuta sobre as conversas proferidas pelo o capitão Forza Leal em relação aos combates nas colônias, que a mesma expõe uma questão: “lembrei-me de perguntar se era sempre assim, se afinal não havia confrontos reais, entre pessoas e pessoas, se não morria gente. Se não havia afinal um massacre inútil” (JORGE, 2004, p. 75). É nesse ápice que demonstra sua vontade de conhecer e se inserir nesse mundo, no entanto, não como alguém que irá vir a contribuir com os massacres, que para ela são vistos como uma ação desnecessária e cruel, mas de uma maneira democrática que venha abrir espaços igualitários para todos.

É com esse posicionamento que enxergamos Eva Lopo, como uma mulher não domesticada, que possui uma postura “de descolonização com lutas que libertam povos (...) negros do feito colonial” (LUGONES, 2020, p. 125). Pois como já dito anteriormente, a personagem não se envolve nesse contexto para se inserir literalmente nas práticas da guerra colonial, mas a fim de tomar uma conduta avessa, que favoreça e liberte o povo moçambicano das atrocidades do projeto imperial português.

Mediante essa afirmação, vemos o processo de decolonialidade dentro da obra jorgeana partindo dessa personagem feminina, a qual tem “por objetivo a destruição do racismo, do capitalismo e do imperialismo” (VERGÈS, 2020, p. 28) naquele espaço. Ao sentir tamanho impacto que o colonialismo está causando na vida dessas pessoas busca libertá-las por intermédio da sua voz. Ante o exposto, compreendemos que a transformação de Evita para Eva Lopo se dá pelo contexto que a personagem passa a viver.

Ao se tornar Eva Lopo passa a enxergar essas situações de maneira diferente das outras mulheres dos demais soldados, por exemplo. Isso porque “(...) pelo menos uma mulher na Terra ainda sonha com uma guerra convencional, ou nuclear que seja, pelas proporções do corpo” (JORGE, 2004, p. 105). Ela se vê como uma minoria que visa uma luta democrática, mas apesar disso, se empolga na certeza de que faz parte desse pequeno grupo “político decolonial, amplo, transnacional e plural” (VERGÈS, 2020, p. 30) que busca na sociedade um espaço político de igualdade, onde caibam os direitos de múltiplas classes, etnias e gêneros.

Com essa análise, entendemos que não somente a personalidade da personagem é transformada, mas também os nomes que são atribuídos para a mesma. Ambos os nomes que são direcionados para ela coincidem com a maneira que é durante determinados momentos na obra. No conto conhecemos um ser de caráter mais fechado, com uma sensibilidade elevada, a qual ficou “conhecida por Evita, o nome de som mais frágil” (JORGE, 2004, p. 75) que contribui com quem ela era mesmo diante daquelas perturbações coloniais, ela evitava (Evita) falar sobre o assunto, pois não lhe convinha enquanto mulher de soldado que praticava tais crueldades. Já no romance nomeada Eva Lopo, uma mulher de ego mais forte, quebrando os paradigmas patriarcais para experienciar de modo crítico e intenso o dia a dia em África.

É diante dessa transição de Evita para Eva Lopo que passamos a tomar conhecimento mais abrangente sobre a desumanidade que a Guerra Colonial Portuguesa, enquanto política de morte, veio a causar em Moçambique, não somente ao espaço em si, mas, sobretudo, às pessoas que compõem aquela sociedade. Dessa forma, os próximos tópicos serão direcionados para fazermos uma discussão acerca desses acontecimentos em Beira tecidos agora por Eva Lopo, que de maneira detalhada nos apresenta as nuances dessas questões políticas e sociais ministradas pelo Estado Novo português e seu projeto imperial.

2.2 A exploração do corpo negro tecido n’A *Costa dos Murmúrios*

Vemos que obra jorgeana carrega consigo inúmeras problemáticas as quais merecem ser investigadas e estudadas, dentre elas, se encontra a exploração do corpo negro, que tomamos conhecimento a partir das vivências de Eva Lopo em Beira. Ao decorrer da análise, iremos perceber que, através da escrita, a autora faz denúncias a essas formas de racismo dentro do espaço moçambicano, visto que, segundo Franz Fanon (2011) essa prática ocorre por meio de um grupo dominador que, especificamente nesse caso, se trata do império português sobre o território de Moçambique.

Durante o romance, classificamos o regime português composto por uma cultura racista, visto que quando falamos sobre essa concepção, utilizamos o termo que se refere a específicos grupos que fabricam e alimentam o preconceito de raça exclusivamente a uma localidade social escolhida por eles mesmos, em que ocorre sobre e ao redor da “miséria comum de homens diferentes” (FANON, 2011, p. 275). É a partir dessa prática que surge o elemento central deste tópico: a exploração do corpo negro, que acontece por meio da opressão no cotidiano de pessoas que são consideradas inferiores diante de um Estado soberano superior e poderoso.

Os personagens trazidos por Lídia Jorge para o ensaio representam com clareza a perspectiva dessa afronta pela sujeição. Esse tipo de exploração ocorre, primeiramente, com o objetivo de dominar, ou melhor, de apagar culturas que faziam parte daquele contexto para colocar em prática costumes e ideologias do Estado Novo, assim, inferiorizando o povo moçambicano e seus modos de viver. Essa manifestação é perceptível de início quando na praia o noivo chama por alguém com a expressão

Eh! *Black!* – gritou imenso na direção do bar. (...) um rapaz apareceu munido num pano. (...) aproximou-se, curvou-se e começou a limpar as pernas do noivo cheias de areia e lodo. Esfregava, esfregava, mas as manchas resistiam e o noivo ria. (JORGE, 2004, p. 14)

Ao narrar essa fala trivial do alferes, Jorge (2004) nos apresenta a forma que a tropa portuguesa referem-se aos negros. Ao se apropriar do termo *black*, o qual significa preto em inglês, lhes atribuem uma condição pejorativa, no sentido de insulta-los e os humilhar dentro de um espaço que são nativos. Nessa passagem, outro ponto que cabe ser trazido para a discussão é que, mesmo o corpo negro não possuindo a obrigação de servir os portugueses como empregados, eles se expõem a essa função como uma troca pela sobrevivência, para paradoxalmente viverem “tranquilos” em um território pertencentes a eles, pois, caso se mostrem contra os encargos direcionados pelo império português, são descartados da sociedade por não obedecerem a ordem imposta ali.

Nesse mesmo sentido, observamos no momento em que o negro está a limpar os pés do noivo e que aquela sujeira resiste para não sair, que o alferes se mostra satisfeito ao sorrir diante dessa cena, exibindo assim seu prazer e dos demais portugueses em explorar cada vez mais o corpo africano. A inferioridade desse corpo não é só demonstrada através de palavras e atitudes depositadas sobre eles, mas a própria forma que se posiciona para atender o noivo, ao se curvar perante o homem branco, corrobora a sua imagem de subordinado. Diante disso, é

notório que o africano contribuiu para que essas ações desdenhosas recaírem sobre eles, não por ser parte de suas vontades, mas por se sentirem submetidos a isso perante a sua condição naquele governo colonizador.

Foi dito que suas desobediências os levam ao descarte de vida como forma de castigá-los diante da contrariedade ao regime português, essa punição é evidenciada na fala de um dos personagens secundários no seguinte trecho: “Deviam tê-los deixado expostos e apodrecidos à luz do dia, para que pudesse compreender a nossa causa, a nossa presença, a nossa determinação” (JORGE, 2004, p. 20). Esse segmento apresenta de igual modo a perspectiva sobre política de morte a qual é centro das atrocidades do colonialismo português, em nome do poder e da ordem.

Assim, para exterminar vidas que não contribuíam para as demandas imperiais, buscaram um meio que partiu do conhecimento sobre a cultura moçambicana que estavam convivendo cotidianamente. Dessa maneira, sabendo os vícios daquela população, os quais possuíam uma rotina alcoólica, sabotaram de forma estratégica garrafas de bebidas com veneno, álcool metílico. Vejamos:

Os *blacks*, descobriram no porto um carregamento de vinte bidons (...) que iam a caminho de uma tinturaria, e pensaram que era vinho branco, (...) e abriram os bidons e beberam todos. (...) e agora estão lerpando e outros vão cegar. “E a culpa? – perguntou o major (...). “Deles (...)” – disse o paráquedista (...). (JORGE, 2004, p. 22-28).

Mesmo o corpo negro estando naquele espaço, servindo e seguindo as normas que lhes eram impostas, havia ainda técnicas implícitas, que aconteciam pelas bebidas as quais faziam parte dos seus hábitos cotidianos, tendo o objetivo de eliminá-los e puni-los caso tocassem em alguma garrafa daquelas, uma vez que eram proibidos de ingerir/utilizar qualquer produto do mercado português. Com isso, afirmamos que a exploração do corpo negro nesse contexto não advém apenas através da mão de obra escrava, mas também por intermédio da condenação, de várias formas, à morte, que sobrevém na maioria das vezes por meio da exposição social, como no momento em que morrem em alto mar e seus corpos são trazidos para a costa da praia.

Abordamos até então sobre a exploração e o descarte de vida dos homens negros. Todavia, é possível enfatizar em nossa discussão a opressão ao corpo negro feminino, perspectiva de mais destaque durante a leitura da obra nas cenas entre as personagens secundárias Odília e Helena (esposa do capitão), apresentadas por Eva Lopo. Odília é a mainata da casa de Helena, mulher negra que está ali para servir e fazer as vontades de seus

senhores, em que durante o romance sofre maus tratos, os quais são dispostos sobre a personagem negra de acordo com a condição social que lhe foi concedida pelo regime português.

Durante o enredo jorgeano, Eva Lopo concebe muitas visitas à casa de Helena, é em meio às idas a esse espaço que tomamos conhecimento da condição do corpo negro feminino naquele lar. Chegando aos aposentos da mulher do capitão, Eva encontra “uma mainata (...) com um pano amarrando toda a sua cabeça e toda a testa até aos olhos. (...) Foi essa mainata quem a conduziu até um longo *living* onde havia muita frescura, e dentro da frescura estava Helena (JORGE, 2004, p. 98). Eram nessas circunstâncias que Odília sempre se apresentava ao receber qualquer visita. Porém, o que conseguimos visualizar no fragmento vai muito além da aparência dela, pois enquanto Helena estava em uma sala climatizada, Odília estava na parte de fora da casa, fazendo suas tarefas domésticas, sentindo o clima quente que África possui, é a partir dessa cena emblemática, que tomamos conhecimento sobre a desigualdade, bem como a exploração que recai sobre esse corpo.

Durante a maior parte do romance, Odília é explorada através desses serviços prestados naquela casa, literalmente sendo escravizada. É possível perceber que isso acontece mediante que “a mainata (...) com os pés comprimidos naqueles sapatos (...) não descolava do chão, com a bandeja à cintura, como se fosse uma mesa ambulante” (JORGE, 2004, p. 103). Essa era a situação que a mesma se encontrava dentro daquele espaço, objetificada, não tinha o direito de sentar para descansar, sequer tirar aqueles sapatos apertados que tanto incomodavam seus pés, visto que Helena desejava que fosse dessa forma. Tendo em vista essa construção literária, inferimos que mesmo os portugueses estando em um espaço que não lhes pertenciam, vivendo em um ambiente climático que não favoreciam determinados costumes, o objetivo que eles carregavam estava acima de tudo em manter os status e cultura da Europa.

No momento que a personagem negra é inserida naquele local para servir a mulher branca do capitão da tropa portuguesa, suas condutas são rompidas para seguir as do Estado português. O colonialismo transforma Odília, mulher africana, em uma empregada europeia. Quando muda seus trajes culturais africanos para um uniforme os quais as domésticas usavam no país europeu, “saías brancas (...) que lhe pendem a cintura como um repolho” (JORGE, 2004, p. 132), isso se dá para que possa fazer parte e contribuir de forma pacífica, pela aparência, com os hábitos portugueses. Mesmo adequando-se a conduta que era imposta, os serviços de Odília se tornavam irreconhecíveis, na medida em que não deixavam a disposição da mainata nem ao menos um lugar razoável para o seu descanso noturno. Ao contrário, Helena dispara sobre a mulher:

Vai, vai à cozinha, vai dormir na cozinha. Odília pode sentar, encostar e dormir na cozinha. (...) Helena (...) tocou o sino, esperou, tocou de novo. A mainata não aparecia. (...) foi à porta da sala, possivelmente até a cozinha, voltou enfadada. “Você foi testemunha – eu não disse para sentar na cozinha? Que podia ficar a dormir na cozinha? (...) Não está! Tem alma mais é selvagem, (...) nem cem anos conseguem recuperar o atraso de inteligência, dela e dos que são como ela. (JORGE, 2004, p. 174; 176-177)

As palavras da patroa nos apresentam o desprezo com que as pessoas negras conviviam cotidianamente em Moçambique, em que ao se afastarem minimamente dos princípios e das práticas direcionadas para elas, ouviam palavras cruéis e sentiam os insultos na própria pele. Nessa passagem o termo que nos chama mais atenção é o “selvagem” exprimido por Helena, o qual é defendido que elas eram rudes a ponto de não saberem compreender um ordenamento vindo do lado bom e civilizado.

Após os insultos por não encontrar Odília, a patroa deduziu que a mesma estava na soleira dormindo, então “abriu a porta, acordou-a, repreendeu-a. Disse-lhe que trouxesse o lanche sem tocar em nada com a mão. ‘Odília tem sabão, lava primeiro. Depois põe luva’. Trazia nas mãos duas luvas brancas.” (JORGE, 2004, p. 177). Tudo isso porque para os europeus, pessoas como Odília não representavam limpeza, mas seres sujos que infectavam, dado que por esse motivo estabeleciam a higienização e a utilização das luvas, e especificamente brancas, para representar a descendência da nação portuguesa, assim subalternizando a cor e a cultura moçambicana.

Eva Lopo depois de presenciar determinados acontecimentos nos diz que: “Não, não inveje essa imagem” (JORGE, 2004, p. 177). Ao trazer essa afirmação a personagem mostra o seu posicionamento decolonial, não concordando com o projeto colonizador português. Para ela não há prazer praticar tamanha crueldade e injúria sobre Odília, bem como os corpos negros em geral. Diferente da protagonista, a esposa do capitão não sentia compadecimento em relação ao cansaço e a situação precária da mulher negra e dos demais empregados, pelo contrário, Helena se divertia com a situação, continuava de maneira sádica a explorar o corpo negro como escravos. Essa façanha fazia parte da perspectiva de dominação do regime português, a qual desde sempre fez parte Helena.

Perante o exposto, constatamos a complexidade do ponto de vista colonialista de origem eurocêntrica que se movimenta em Eva Lopo, uma vez que se trata de práticas que carregam a finalidade de “desculturação”, termo utilizado por Fanon (2011), as quais são regidas por projetos coloniais, visando não só um indivíduo, mas o coletivo, ou seja, toda uma sociedade subalternizada e esquecida. São esses elementos estruturais que constitui a escrita

de Lília Jorge (2004) e nos abre possibilidades para pesquisarmos e adentrarmos o universo problemático da Guerra Colonial Portuguesa.

3 CAPÍTULO 2 - PELO FIM DAS COLONIALIDADES: POSSIBILIDADE PARA UM OUTRO MUNDO EM A *COSTA DOS MURMÚRIOS*

Ao passo que estudamos, percebemos que entrar no universo da escrita, bem como da pesquisa literária, requer certo distanciamento de concepções do senso comum que fomos adquirindo a partir do nosso convívio social. Ao abrir espaço para ampliarmos as problemáticas que estão arraigadas nos elementos econômicos e históricos, entendemos como o próprio capitalismo que se expandiu e se fortaleceu com a política colonial que se perpetua. Ao nos conectar com narrativas que trazem em sua conjuntura essa movimentação política, interpelamos questionamentos acerca dos elementos que a compõem, haja vista as falsas informações que nos são repassadas desde que fomos inseridos no mundo. A partir disso, sentimos a necessidade de pesquisarmos e estudar os aspectos reais que se dão dentro da concepção social de política.

Por esse viés, tendo em vista as múltiplas práticas políticas existentes, neste capítulo nos deteremos a fazer uma construção crítico-analítica das políticas públicas. Assim, afirmamos que nos manuais essa tipologia política é classificada como um movimento civilizado e ao mesmo tempo democrático, em que sua função primordial é lutar pelo bem estar e aceitação dos diferentes seres e grupos que compõem a sociedade. Todavia, quando lemos os textos literários contemporâneos, os quais carregam em sua estrutura situações problemas que são encobertas nos documentos oficiais tradicionais, passamos a compreender que a política atual ainda se trata de uma ação que não olha, nem luta, de forma igualitária para todos. Assim, desamparando através de seus dispositivos, como as leis, instituições e estruturas, mesmo que esta seja vista como um meio mais viável para se pensar em melhores condições sociais. Nessa concepção, pensamos no que Achille Mbembe (2017) denomina por “política de inimizade”. Vê-se que os poderes hierárquicos públicos não possuem uma postura de combate às desigualdades no meio social, de forma contrária, silenciam-se diante delas. Tendo como foco o poder político sobre as demais nações, um Estado-Nação acaba não sendo a organização mais viável para se pensar no bem estar social de todos.

Ante o exposto, compreendemos que as criações dos textos literários se tornaram um espaço para que os pormenores bélicos da política pública fossem expostos, deixando as situações errôneas explícitas, como o próprio colonialismo que parte da estruturação desse cenário político. Para dar mais verossimilhança a esses fatos dentro das obras, os escritores buscaram trazer uma conjuntura de acontecimentos históricos-sociais e personagens para vivenciá-los, trazendo denúncias, críticas e expondo ocorrências que até então eram

encobertas. Dessa forma, de acordo com Grada Kilomba (2019, p. 28), a escrita literária contemporânea se transfigura, e deve ser entendida nesse âmbito, como uma ação política democrática que vai de oposição àquilo que o projeto político colonial ditou.

Partindo disso, observamos essa perspectiva no romance de Lídia Jorge (2004), ao decorrer de uma leitura intervalar, a qual ocorre por meio do contato entre textos e outras áreas semelhantes, segundo João Alexandre Barbosa (1990), que nos faz enxergar os elementos contextuais do projeto imperial português como um poder hierárquico nas terras moçambicanas, posicionando os corpos africanos de acordo com suas ideologias patriarcais, pondo-os como meros objetos em seu próprio território. Com isso, conseguimos atribuir ao regime português uma ação dominante, visto que tinham por objetivo impor padrões a serem seguidos de forma que os moçambicanos pudessem ser aceitos diante das hierarquias portuguesas no país africano.

Os aspectos coloniais na narrativa aparecem nas práticas e ações, possuindo aspectos patriarcais, haja vista que tem por preceito cristalizar as concepções de raça e gênero e silenciar corpos. Isso ocorre pelo fato de estarem em uma posição cujo objetivo é expor a/o raça/corpo a uma vida de desmando e ao mesmo tempo ao descarte. Quando falamos sobre gênero, estamos levantando questões especificamente relacionadas ao feminino, uma vez que, nesse contexto de Guerra Colonial, as mulheres são posicionadas como seres exclusivamente do lar, enquanto seus maridos estão fora de casa trabalhando ou em combate nas colônias.

Com base nisso, compreendemos que a escritora traz uma problemática que ainda reflete nos dias de hoje, uma vez que vivemos em uma sociedade onde os corpos ainda são docilizados/marginalizados. A crítica intencional jorgeana não se refere apenas a um espaço individual, mas que atinge uma coletividade, trazendo uma reflexão sobre o contemporâneo, nos fazendo repensar nossa posição social, para que venhamos buscar formas ativas de esperanças em um tempo presente mais digno e vivo.

Assim, esta seção irá se dividir em duas etapas. Primeiramente, faremos uma discussão em relação aos encontros críticos entre o corpo negro e o corpo feminino, visto que discutiremos acerca das problemáticas ideológicas patriarcais que estão embutidas na Guerra Colonial Portuguesa; em seguida, abordaremos sobre a perspectiva de comunidade imaginada do Estado-Nação português na narrativa de Lídia Jorge, para posteriormente, discutiremos sobre os aspectos esperançosos que diz respeito a uma comunidade futura disposta ao acolhimento das distintas etnias, gêneros e classes, etc.

3.1 O corpo negro e o corpo feminino: encontros críticos na trama

Como dito anteriormente, a escrita literária tornou-se parte de uma ação política democrática, ocorrendo no sentido de dar voz às pessoas que foram silenciadas. Lídia Jorge (2004) recria caminhos que vai em oposição aos documentos da história oficial, os quais narram fatos apenas que lhes favorecessem geopoliticamente. Com a criação da personagem Eva Lopo, a escritora teve por intuito fazer uma reelaboração narrativa dos acontecimentos da guerra em Moçambique, mas, além disso, buscou posicioná-la como uma reivindicação que estava ali para dar visibilidade, através da sua voz, às violências contra os moçambicanos, bem como para se contrapor aos estereótipos das mulheres que foram padronizadas para seguirem as ideologias patriarcais do regime português. Dessa maneira, inferiu expor “o pio dum pássaro que um dia, perdido na memória alguém matou” (JORGE, 2004, p. 63). Por esses fatos terem sido esquecidos, a autora sentiu a necessidade de recriá-los para que tomássemos conhecimento sobre eles, até mesmo nos fazendo refletir o hoje.

Tendo como fundamentos os relatos de Eva, entendemos que o colonialismo é, acima de tudo, uma ação que segue o caminho patriarcal. Tal afirmação ocorre, quando estudamos a obra e é possível visualizar que os aspectos coloniais atingem tanto o corpo negro, como o próprio corpo feminino naquele contexto, uma vez que explora, manda e descarta a vida negra, e ao mesmo tempo posiciona a mulher partindo de perspectivas de sujeição patriarcal. Ao corpo negro isso é perceptível no instante em que o seu trabalho ocorre não em troca de um salário e de dignidade, mas em busca de sobrevivência básica. Em relação ao feminino, as personagens que mais se destacam nesse momento são as esposas dos soldados, por exemplo, Helena, com exceção de Eva Lopo, elas são direcionadas ao papel de ficarem em casa durante o período em que seus companheiros estão em guerra.

Nesse sentido, constatamos que o ser negro naquele espaço é posto como objeto, no sentido de que sua “realidade é definida por outros” (KILOMBA, 2019, p. 28). Seus costumes são transformados para demarcarem a imagem propriamente dita daquele que é depositado como superior (branco), o qual pode escolher seu próprio cotidiano, sua cultura. Lídia Jorge, mostra essa concepção quando traz as cenas dos negros sendo transformados para se adequarem às origens do Estado português, principalmente ao que se refere às suas vestimentas. São essas imagens que mais se destacam para demonstrar o aspecto de dominação, de opressão. Além disso, recai sobre eles a ideia de que são pessoas descivilizadas, ora como a própria Helena afirmou em algumas passagens do romance e que

trouxemos citações no tópico anterior (1.2), os negros são tratados como pessoas selvagens, as quais não possuem inteligência.

Durante a análise do conto que vem antes do romance, a imagem que mais representa a concepção sobre a retirada de origens do povo moçambicano é quando na cerimônia “um criado extraordinariamente negro, vestido de farda completamente branca, trouxe uma bandeja com uma espada” (JORGE, 2004, p. 8). Ao construir essa imagem, a escritora nos faz refletir sobre os motivos que levam o Estado português agir de tal forma sobre esses corpos. Mas ao finalizarmos a leitura do texto literário, vemos que há uma expressão utilizada por eles que é: “independência branca”, visto que através desse termo compreendemos a ideia de apagamento das culturas africanas. Por estarem em busca dessa independência no contexto moçambicano, precisam impor seus costumes de maneira mais viável: modificando a vida cotidiana dos indivíduos para que resplandeça a dominação branca/europeia.

Esse fragmento possibilita enxergarmos a posição que os moçambicanos ocupam com a chegada do grupo estrangeiro europeu no território deles, não é somente sua aparência que sofre transformações, como também sua condição existencial. Percebemos que o africano, ao trazer a bandeja, é visto como um empregado, tornando-se assim um serviçal para os portugueses, por esse viés, levantamos a indagação: Poderia, nesse contexto, um branco ser tratado de tal forma? A partir desta abordagem, entendemos que no espaço geopolítico que constrói o texto literário, a resposta para tal pergunta seria “não”, uma vez que os colonizadores ao chegar em Beira seus olhos recaem de maneira cruel sobre as pessoas diferentes deles, neste caso, o negro africano.

Ainda nessa mesma passagem há uma cena vivíssima e significativa. No instante que um grupo musical se apresenta e as pessoas que ali estão redobram “palmas (...) a pequena orquestra de instrumentos quase todos de sopro (...), tocados por quatro brancos e um negro” (JORGE, 2004, p. 9). O que mais se destaca é a quantidade de homens brancos e ausência de negros. É clara na descrição a ideia de desigualdade, e necessariamente a perspectiva de maioria e minoria naquele território. Com essa concepção é importante frisar que, embora haja quantidade bem maior de pessoas negras em África comparando-se aos brancos que chegaram, nesse contexto eles são considerados minoria ao que diz respeito o acesso de melhores condições de trabalho.

Posterior ao excerto anterior, temos: “O negro ao tocar tinha as bochechas inchadas como se quisesse explodir” (JORGE, 2004, p. 9). A maneira que ele toca, a qual está aparente, interpretamos como um verbo que é empregado nessa situação no intuito de querer argumentar que ele irá se manifestar ou revoltar-se sobre algo. Diante disso, constatamos que

sentem o desejo de falar sobre a vida que estão levando com a presença dos colonizadores, visto que se assemelha a um cotidiano doloroso, todavia não o pode fazer além da música, pois há, de acordo com Kilomba (2019, p. 47), a dificuldade de se falar em um espaço repressivo. Além dessa interpretação crítica, percebemos também que Jorge (2004) faz referência aos gêneros musicais (blues, jazz, rock, etc.) criados pelos ancestrais desse homem negro, com a intenção de nos apresentar uma das múltiplas vertentes positivas e artísticas gerada pelos negros no mundo.

À vista desse trecho, constatamos que os moçambicanos se policiavam ao falar nesse contexto, apesar de saberem a urgência de expor esses fatos, mas por se sentirem oprimidos em um meio social que os discriminavam, calavam-se. Sobre essa concepção a narradora afirma que nesse período era “tudo do século dezenove à exceção da libertação dos escravos” (JORGE, 2004, p. 10). É possível entender tal afirmativa percebendo todas as ocorrências que estavam sobre os corpos negros. Mesmo sendo um momento em que na teoria as pessoas escravizadas se encontravam liberas, na realidade ainda a escravidão acontecia, isso pode ser visível através das abordagens trazidas até então sobre a exploração e, especificamente neste tópico, a forma que se encontram diante da política colonizadora.

Pensando nessas questões, por conviverem com tamanhas atitudes perversas, eles possuíam um psicológico traumatizado, tinham a memória atingida pelas brutalidades das práticas violentas e cotidianas do colonizador português. Na primeira seção deste trabalho, ~~tópico 1.1~~, foi trazido um trecho em que o negro limpava os pés do noivo, nesta mesma cena há vestígios do trauma que ele carrega, no instante que “o *black* ajoelhou-se no estrado de pau para limpar um a um os dedos do noivo, e quando terminou, retirou-se (...) tremendo e rindo” (JORGE, 2004, p. 14). Observamos que o seu comportamento é sintoma das feridas causadas pelo contexto de ausência de liberdade e dignidade. Ferimentos que mexem com seus sentidos interiores. São marcas deixadas por esse grupo que levam os “povos vencidos (...) a se suicidarem coletivamente” (JORGE, 2004, p. 19). Com isso, atribuímos as consequências daquilo que Michael Foucault (1988) concebe por “biopoder” ou poder sobre a vida. É diante dessa façanha que muitos tiram suas vidas em espaços liderados por humanos cruéis, sobretudo, como uma espécie de redenção e livramento da sua realidade labiríntica.

Com esses fragmentos é possível inferir que o povo moçambicano era visto por intermédio dos colonizadores portugueses como seres que serviam apenas para mando e desmando em seu próprio território. Além disso, durante a narrativa, é possível identificar que os trabalhos, fossem de esforço ou não, eram direcionados para eles, como é o caso da construção do seguinte excerto: “A roupa, o mainato a levará suja e a trará lavada. Para que

diabo serve um mainato (...) senão para fazer esses insignificantes recados?” (JORGE, 2004, p. 89). Notamos que as pessoas negras são vistas para o servilismo perpétuo como nascidos para serem escravos, algo que aos nossos olhos decoloniais torna-se uma falácia de grande perigo.

Ao posicioná-los de tal forma, o regime português utiliza-os para o alcance de seus objetivos que é a dominação por meio de seus ideais. Para eles, a existência dos africanos significa uma força positiva para a execução dos seus projetos de poder colonizadores, os quais buscam uma guerra não pacífica, mas que recaia sobre um específico grupo de pessoas distintas. De fato, é o que acontece ao decorrer da obra jorgeana, quando a tropa portuguesa impõe suas ordens aos moçambicanos que apresentam certa pequenez bélica diante deles. Trata-se de uma situação observada desde a exploração física e moral, mexendo com as percepções.

Assim como ao corpo negro, essas coerções perpassam também o corpo feminino, isso por que envolvem as questões ideológicas patriarcais. Desse modo, nos faz compreender que atinge, com efeito, as questões de gêneros, principalmente ao que concerne à mulher. É notório esta concepção no momento em que um alferes e seu capitão estão com suas esposas, e sentem o desejo/necessidade de disparar suas armas ao vento, na beira da praia moçambicana, mas antes querem deixá-las em casa:

E se fossemos por as mulheres em casa, para fazermos o gosto ao dedo à vontade? (...) Helena (...) protestou, não quis, desejava muito ver o que era isso de fazer o gosto ao dedo, e pedia (...) que não a fosse pôr em casa. – “Vais então ver o que é fazer um gosto ao dedo”. (...) O capitão abriu o porta-bagagens e disse a mulher que apalpassee certa coisa que estava ali embrulhada numa espécie de serapilheira. Ele queria que por apalpação ela adivinhasse. Helena (...) representou ter medo e com a mão na boca começou a correr pelo areal fora. “Aqui!” – disse o capitão com um assobio. Ao som do assobio (...) começou a aproximar-se, com o olhar amedrontado. (JORGE, 2004, p. 51-52)

Ao se mostrar contra o desejo dos homens, a mulher foi cogitada a ficar presente ali, contudo, não foi através da vontade positiva do capitão, pois o pedido de Helena foi aceito por ele com o objetivo de reprimi-la por estar se opondo às suas ordens. Como punição de suas contradições, foi obrigada a reconhecer o que havia dentro daquele embrulho, nisso, vemos que além de tudo que temos discutido até aqui sobre o que se insere na Guerra Colonial, temos os aspectos machistas. A forma que o capitão trata sua esposa nessa cena, em que a chama por um sinal de assobio, constatamos que ele representa o que permeia as ideias do machismo, colocar a mulher sob sua autoridade, desqualificando-a. Àquilo que constitui a

maneira que Helena se aproxima do seu marido, é notável que resplandece nela certo medo por se sentir ameaçada sob o som proferido pelo seu companheiro, causando uma intimidação sobre esse corpo.

A beleza que a personagem Helena possui é por muitas vezes ressaltada através de falas de Eva Lopo, sendo assim considerada formosa, em que por esse motivo é de certo modo cobiçada por onde passa. Diante da atribuição constituída pela narradora-protagonista sobre a aparência encantadora de Helena naquela localidade de África, que

Naturalmente (...) o capitão reparou nos olhares que choviam como dardos. Naturalmente o capitão esbofeteou a mulher. Ainda mais naturalmente (...) a mulher ficou encostada ao ferro da varanda que separava o *Stella* do Índico. Com a face esbofeteada, era naturalmente cada vez mais linda (...). Naturalmente o marido se aproximou dela, e a puxou para si, e ela entregou a cara, a lágrima e o cabelo, encostando tudo isso ao ombro dele, naturalmente. (JORGE, 2004, p. 29-30)

Sobre o trecho, vemos a violência contra a mulher branca naquele espaço era natural/normal, assim como também, em maior medida, na mulher moçambicana negra. As brutalidades faziam parte do cotidiano e do papel delas, por esse motivo se calavam diante das agressões. O feitiço com que a personagem é violentada pelo seu esposo e a maneira como ela reage, demonstra crítica e denúncia elaborada pela autora em relação as ideologias patriarcais, visto que afeta tanto as perspectivas europeias como também as demais que acontecem mundialmente. As mulheres que se encontravam sob as ideologias dessa política, eram orientadas a ser como Helena, silenciarem-se perante as circunstâncias sociais que lhes eram concedidas, em que as tornavam inferiores aos homens, haja vista sua posição no meio social.

O termo “naturalmente” que é repetido algumas vezes em cada cena dessa passagem, nos leva a pensar e indagar sua utilização constante. Analisando-os de forma ampla, conseguimos compreender que se trata de um uso proporcional da autora desta obra para nos mostrar que essas causalidades se tratavam de situações vistas e aceitas com normalidade neste período. A exatidão com que Helena frequentemente aceita as agressões durante a narrativa também deixa claro essa perspectiva trazida por Lídia Jorge nas entrelinhas do texto.

Com isso, é visível que não era somente o corpo negro que se encontrava como foco do império colonizador português, mas todo corpo social visto como minoria ali. Assim, a guerra vai de encontro, sobretudo, aos moçambicanos, mulheres e homens, e ao próprio ser feminino português, visto que era atribuído “as próprias mulheres (...) sua guerra, que era a gravidez, amamentação, algum pequeno emprego pelas horas frescas” (JORGE, 2004, p. 79).

Através desse trecho que se pode afirmar a ideia de uma percepção de grande proporção patriarcalista, pois enquanto os soldados iam para as colônias moçambicanas, suas esposas tinham por obrigação ficarem dentro de seus ambientes domésticos com suas gravidezes, como uma forma de respeito e fidelidade aos seus parceiros.

Pensando na mulher negra ao que se refere “a sua guerra”, afirmamos que assim como a branca era vista como um ser que servia apenas para reproduzir, o mesmo recaía sobre a moçambicana, podendo ser considerada uma situação de proporção bem mais problemática, visto que eram usadas sexualmente e o fruto dessa ação era um filho, o qual apenas ela tinha por responsabilidade criar. Além disso, são muitas vezes Além disso, são muitas vezes embrutecida, animalizada, tendo em vista a força de trabalho necessário ao projeto colonial. Observamos essa cena entre o jornalista de Moçambique e uma africana, no momento que ele fala para Eva Lopo:

Agora tenho de ir ver a minha negra. Você vai ver o que é uma boa negra. (...) Com esta não há perigo, você pode entrar, pode sentar-se, que ela compreende que ninguém pertence a ninguém (...). (...) tenho quatro da negra (...) mais bonitos do que os da branca. (JORGE, 2004, p. 188-189)

No trecho, vemos a imagem da africana como alguém que se encontra acostumada a viver de forma silenciada, mesmo em meio as injustiças. O termo “boa negra” é direcionado para a mulher significando que para sua condição em Moçambique ela se porta bem, segue as ordens que são impostas, diferente do que alguns não fazem e acabam sendo violentados ou mortos.

Desse modo, a partir dessas duas posições distintas, mas se tratando de um mesmo gênero, inferimos que a mulher neste espaço colonizador, onde impera a ideologia colonial para classificação dos seres, e acima de tudo patriarcal é considerada apenas como alguém que fora estabelecida para viver intensamente sob o poder masculino, como também somente em suas casas. Outrossim, é que eram classificadas reprodutoras de outra vida contribuinte para com a continuação dos projetos estatais masculinos. Todavia, não era unicamente engravidar e gerar qualquer ser, mas dar vida, especificamente, a um homem, caso contrário “se fosse mulher, (...) teria de pagar multa (...) por ser mulher” (JORGE, 2004, p. 184). Existir em liberdade torna-se um crime em espaços que têm como base o poder composto por preceitos machistas. Essa ideia decorre, pois, nós mulheres não somos vistas como sinônimo de força, resistência e perseverança, por esse motivo nos tornamos excluídas de ações que visam a força física, do que o poder na sutileza de nossos diálogos sociais, por exemplo.

Nesse caminho, entendemos que além da obra carregar consigo as concepções de Guerra Colonial, ela tem por interesse mostrar os pormenores que são encobertos aos nossos olhos dentro das práticas do colonialismo, como é o caso do patriarcalismo ideológico. Dessa maneira, constatamos que o objetivo da escritora é expor as nuances e complexidades que andam juntas com o colonialismo. Desde as crueldades, genocídios estratégicos, até a exploração psicológica e afetiva, bem como a própria violência que ocorre sobre esses dois corpos, tanto o masculino quanto o feminino.

3.2 Uma abordagem esperançosa da comunidade aberta à multiplicidade de formas de estar no mundo

Anteriormente discutimos e analisamos alguns eixos problemáticos que estavam enraizados na Guerra Colonial em Beira (Moçambique). Sobre essa abordagem, passamos a entender e conhecer as obscuridades pertencentes às práticas do projeto imperialista português naquela localidade. Entretanto, não é somente isso que ganha visibilidade na narrativa de Lídia Jorge (2004). No momento em que a autora nos apresenta esse contexto específico que tem uma nação dominadora, é perceptível fragmentos gerados pelo Estado português no intuito de manterem sua postura universal mesmo em meio ao transtorno causado através da guerra em Moçambique.

O colonialismo sendo construído a partir de guerrilha em busca de extensão territorial tornou-se parte do cotidiano dos portugueses em território moçambicano. Ante o exposto sobre essa ideia e dos caminhos que trilhamos até este momento, àquilo que conseguimos observar pode ser entendido como práticas em busca de interesses pessoais do projeto imperial português. Nesse atributo, afirmamos para essa etapa que a Guerra Colonial pode ser vista como um efeito que reflete a imagem da sociedade portuguesa.

Por esse viés, pensando em um Estado moderno que gira em torno da sociedade portuguesa, percebemos que Portugal almeja ser império, em outras palavras, tem o desejo de possuir sua independência territorial, ampliando de fato suas fronteiras mundiais. Quando tratamos deste período salazarista presente no romance de Lídia Jorge, essa concepção se torna muito mais evidente, haja vista as práticas do colonialismo em Moçambique e das situações vivenciadas e contadas pela protagonista Eva Lopo.

Através dessa perspectiva, notamos que essa noção segue a linha do termo “comunidades imaginadas”, atribuído por Benedict Anderson (2008). Ele afirma que as duas grandes máquinas narrativas que nos proporcionam a imagem de uma nação fabricada é o

jornal e o romance. É partir desta segunda opção que discorreremos sobre os aspectos que inseridos no projeto nacional português fixado em Moçambique.

Através da leitura inferimos que a pátria portuguesa é um tipo de comunidade imaginada/inventada por eles mesmos, no sentido que, embora haja desigualdades sociais, a julgar por aquelas abordadas até então, as quais surgem à frente das hierarquias, essas dessemelhanças caem em certo esquecimento em nome da imagem que Portugal deve ocupar socialmente, querendo ser visto como um grupo que a todo instante está em busca do combate contra os prejulgamentos em relação as pessoas marginalizadas.

Partindo disso, vemos que embora estejam convivendo em meio ao caos, consequências de suas ações, Portugal quer manter seu estereótipo, representando aquilo que as historiografias clássicas têm por conhecimento, uma tipologia nacional que visa crescer através dos três pilares que caracterizam a nacionalidade moderna defendida por Salazar: Deus, Pátria e Família. Por esse motivo, de acordo com o historiador Anderson (2008, p. 33), identificamos no território moçambicano que o nacionalismo europeu se mascara sob falsas aparências. Portugal por ser conhecida como uma sociedade católica/cristã juntamente com sua tropa, busca acobertar suas operações sombrias por trás da religião. Assim, compreendemos a concepção do colonialismo, uma vez que almejavam crescer por meio das colônias africanas.

A responsável por nos apresentar de maneira reconfigurada esses aspectos continua sendo a protagonista Eva Lopo. Ela mostra essa perspectiva (comunidade imaginada) há todo momento durante a obra quando busca ressignificar aquilo que compreende por Portugal e Moçambique. Mediante suas ações entendemos que Lopo está tentando nos mostrar o que realmente é a pátria-nação portuguesa naquele espaço, e como os moçambicanos reagem a ela. Observamos que Portugal enquanto pátria deveria levar em suas ações nacionais o real sentido que teoricamente lhe é atribuída por ser reconhecida como uma conjuntura democrática, a qual visa trabalhar socialmente de igual modo para todos, independentemente de sua diferença, nesse caso se importando com o sofrimento do outro moçambicano.

Todavia, essa democratização não ocorre, pois ao chegarem em África, os europeus tem por objetivo a busca por uma única identidade nacional, em que as pessoas que habitam Moçambique se reconheçam como verdadeiros europeus, como também ampliar através da mão de obra trabalhista dos africanos, e não lhes garantir uma melhor condição de vida social. Assim, é perceptível que além de se enxergarem como um país democrático, algo que vemos de maneira contrária na obra, eles ainda querem configurar uma imagem para o povo moçambicano. Nesse sentido, captamos que Portugal não cria invenções apenas sobre seu

nacionalismo, mas é algo que incide também perante a comunidade africana em prol dos próprios interesses.

Quando os portugueses chegam em Moçambique, há um pensamento que ocorre tanto ao Comandante da Região como ao próprio General, eles “constituíam, naquele tempo e para aquele local de África, uma imagem de energias renováveis. Espaços irradiantes de energias renováveis” (JORGE, 2004, p. 57). É diante do poder, o qual institui nesse território, que passam a se imaginarem de forma diferente em questões de política. Tendo em vista as riquezas em terras férteis que África possui, os europeus afirmam que suas forças no meio social irão se renovar. A partir de tal concepção, inferimos que os portugueses começam a imaginar sua presente e futura nação por meio do território de outros povos, os moçambicanos.

Em alguns momentos da narrativa, observamos que deixam essa afirmativa mais explícita quando demonstram claramente que têm o desejo de instalarem seu poder econômico oficialmente ali. É possível percebemos isso no diálogo que ocorre entre o noivo, Luís, e o Capitão, Forza Leal:

Isto vai ser o maior entreposto de madeira de África, você vai ver, Luís! (...) O alferes que caminhava (...) achou que nem só isso. “E a pesca? Quando houver uma independência branca, capitão, isto vai ser o fim. Isto vai ser a maior exportadora de lagosta do Mundo!” (JORGE, 2004, p. 79).

Esse fragmento ocorre no porto, em frente à Marisqueira, um restaurante pertencente a Moçambique, em que os dois homens costumam frequentar. Mas em uma de suas andanças começam a gerar perspectivas positivas em torno das terras que não os pertencem, figuram para eles um crescimento financeiro através do trabalho africano. Ao citarem mais uma vez o desejo de alcançarem a independência branca, nesse excerto, infere-se que aqui esta expressão nos auxilia a interpretar a concepção que falamos anteriormente sobre a vontade que a nação portuguesa possui em impor uma específica identidade nacional em meio as múltiplas distinções coexistentes em África, constituindo dimensões ao poder branco à custa dos outros.

Dentre outras tantas passagens que poderíamos trazer para nossa abordagem, selecionamos algumas que se tornam primordiais, especificamente para esta seção. O seguinte trecho diz: “Porque não admitir que os povos autóctones daquela terra não se quisessem suicidar? (...) Suicidarem-se colectivamente como as baleias, ao saberem que nunca seriam autónomos e independentes?” (JORGE, 2004, p. 19). Esse excerto nos apresenta a fala do major da tropa portuguesa. Quando faz essas indagações, percebemos que levanta invenções a

fim de culpar o próprio moçambicano pelas mortes de seus próprios nativos. Todavia, já sabendo o papel que esse Estado vem a exercer ali, compreendemos que se trata de algo que é fabricado por eles mesmos com objetivo de omitir o assassinato coletivo que parte do projeto imperial português.

A metáfora da baleia, utilizada pelo personagem secundário, faz entender que ele cria uma imagem de si em torno do outro. Assim como as baleias dependem de nossas ações para sobreviverem no mar, de igual modo os portugueses se veem como uma espécie de pilar para que os moçambicanos mantenham sua vida naquele espaço. Dessa maneira, vemos que pelo fato de os portugueses carregarem consigo um pensamento eurocêntrico limitado, a população africana se rende a morte, como um caminho de libertação/redenção. Com isso, é perceptível que no subconsciente dos europeus há a ideia de que a vida dos africanos depende, sobretudo, deles para ser boa e civilizada, visto que se consideram um patamar superior, principalmente por serem reconhecidos mundialmente como um corpo social valorizado por pertencerem a massa branca e rica, também por serem vistos representativamente como uma pátria ordenada e evoluída.

Haja vista essas noções, é possível enxergar diante das sutilezas de algumas cenas que a nação portuguesa caminha lado a lado com o repúdio em relação ao corpo negro e a ganância, tencionando o desejo de dominar o território dos moçambicanos. Isso é visível, primeiramente, na passagem: “Por favor, minha senhora! Nunca ouviu falar de esterilização compulsiva? E de esterilização persuasiva?” (JORGE, p. 24). Há nesse fragmento uma perspectiva de assepsia, método utilizado pelos nazistas em relação às pessoas distintas, consideradas inferiores, decadentes e desqualificadas em comparação a eles, como meio de fazerem uma limpeza social deste grupo de pessoas, dando vida aqueles que para a comunidade portuguesa são os “bem nascidos”. Diante disso, percebemos que os europeus enxergam na população moçambicana certa sujeira, a qual deve passar por uma eugenia profunda para serem aceitos à frente da nacionalidade europeia.

Ao que se refere à ambição de dominação dessas terras, pode ser vista na passagem de uma conversa indagatória de um paraquedista, que diz: “África Austral? Que África Austral? Moçambique está para África Austral como a Península Ibérica está para a Europa – estão ambas como a batinha está para as calças” (JORGE, 2004, p. 28). Entendemos que retiram a autonomia territorial de Moçambique e afirmam que é o país europeu que está governando. Com isso, compreendemos que é através do ponto de vista em torno do outro que passamos a refletir sobre como é de fato a pátria e a imagem que buscam dar continuidade ali, respeitando suas concepções de ordenamento e dominação.

Como citado no início dessa seção, nos documentos históricos tradicionais oficiais a nação portuguesa é vista como uma pátria democrática. Porém partindo da própria leitura dos romances contemporâneos, exclusivamente o jorgeano, conseguimos constatar que é justamente uma percepção criada por eles mesmos, é notório a partir das análises construídas desde o início deste trabalho. Dessa maneira, observamos que o imperialismo português, segundo Eduardo Lourenço (1992), se constitui como um império que não foi. Sua política não possuía em suas práticas o real sentido democrático, que efetivamente houvesse lutas fervorosas, as quais abraçassem o universo plural que fazia parte dos moçambicanos, como também de outros territórios.

É perceptível isto em um depoimento que o piloto da tropa portuguesa traz para as mulheres que estão no terraço do hotel, ele descreve detalhadamente como acontece as falas dos soldados que sobrevoam as colônias:

Guerrilheiros, rende-te, nós somos os teus verdadeiros amigos, e a nossa pátria é só uma, a portuguesa. Pega nas tuas mulheres, nos teus bens, nos teus sobrinhos e família, teu tio, teu pai, tua mãe, e renda-te à tropa portuguesa. O português é teu amigo, o que os outros dizem são falsas panaceias... (JORGE, 2004, p. 122).

Tomando conhecimento dos discursos que fazem durante a guerra perante o povo africano que estão em suas terras, compreendemos que eles tentam convencê-los de que vieram para trazer melhorias de vida para a população que até então viviam em decadência. Entretanto, essa posição se trata de um interesse pessoal, visto que na verdade busca uma unificação a qual apenas um grupo se sobressaía, a pátria portuguesa.

Para manter a construção política humanitária que os documentos oficiais levam em sua conjuntura, a sociedade portuguesa oculta suas atitudes errôneas, as quais foram cometidas sobre Moçambique, por trás da religião cristã que aparentemente seguem. Trata-se de uma convicção que pode ser vista nas atitudes da personagem Helena diante da morte de um dos seus criados, “*Mateus Rosé*” (JORGE, 2004, p. 132). Mesmo ela sabendo que a causa dessa morte foi provocada pela sua nação, se debruça a chorar, mas “chora a morte, não o morto” (JORGE, 2004, p. 132). É um sentimento dela, ou seja, como a morte foi de alguém que era sua propriedade, tem essa postura caridosa, e não por se importar verdadeiramente com o falecimento daquele homem, que era visto como objeto e sem valor. É uma conduta que faz parte da conceituação daquilo que discorreremos sobre a nacionalidade imaginada cristã desta sociedade estrangeira branca, visto que um dos princípios é se solidarizar com a dor do outro mesmo que de maneira superficial e espetacular, com uma performance esvaziada.

Nesse sentido, Helena não está sofrendo literalmente por ter perdido alguém que fazia parte do seu dia a dia, mas cumprindo o seu papel enquanto mulher católica portuguesa.

Partindo do exposto sobre a nação Portugal na narrativa, advertimos que o escopo principal de Lídia Jorge é possibilitar a construção desta perspectiva, mas não no sentido de contribuir para que ela continue sendo essa invenção/fabricação, no entanto, descrevendo-a para que se desvele, em outras palavras, se desfaça e outra ideia de país brote. A consciência dessa desconstrução é da própria Eva, assim como é responsável por expor as demais obscuridades. A partir de seus princípios que se opõem a essa personalidade criada do patriotismo, percebemos diante de seus posicionamentos que ela busca fabricar uma categoria social que não seja limitada, mas que acolha deveras o povo moçambicano reprimido pela nação portuguesa.

Assim, diante das análises feitas, as quais envolve essa personagem jorgeana, observamos que o seu nome vem ganhando cada vez mais significado profundo e que sua existência é primordial (Eva) para a possível constituição de uma futura comunidade que se oponha as discriminações. Fica explícito que seu objetivo é a criação de um novo tipo de comunidade, um espaço que venha acolher as diversas pessoas, respeitando seu território, inclusive suas respectivas culturas.

Desse modo, Eva Lopo, busca “desmontar os mecanismos de exploração do sistema, desvendar as contradições do pensamento burguês na matéria” (CÉSAIRE, 1978, p. 8). Com isso, transfigura possibilidades de uma nação aberta aos vários seres. Por essa ótica, notamos que “ela chegou a apaixonar-se por olhos isolados como ilhas fora do corpo” (JORGE, 2004, p. 44). A todo momento na obra, enxergamos a protagonista como alguém que “pensa em coisas justas” (JORGE, 2004, p. 249), isso porque está ali a lutar pelos interesses das pessoas afastadas da guerra, ou seja, que não possuíam o direito de lutar pela sua ideologia do mesmo modo que os portugueses.

Há algumas particularidades nessa figura jorgeana, na ocasião que percebemos que ela pertence à nação portuguesa, mas que se opõe à comunidade Portugal. À vista disso, passamos a compreender que “seu relato foi uma espécie de lamparina de álcool que iluminou (...) um local que escurece de semana a semana” (JORGE, 2004, p. 41). Iluminou no sentido que a partir de seus interesses por denunciar os crimes realizados pelo regime português, estava se mostrando alguém que pensava e buscava um mundo plural e de esperanças, na medida em que coubesse essa multiplicidade de formas de existir no mundo.

Comprendemos isso diante das suas lutas diárias em Moçambique em prol deste futuro, almejando a liberdade das populações, é por isso que ela afirma: “Provoca-me na alma

um sonho salvador” (JORGE, 2004, p. 91). Exatamente por se ver como uma mulher que através das suas indagações se abre à possibilidade de uma futura nação moçambicana, bem como engendrar um pensamento crítico na mesma proporção ao que diz respeito aos demais Estados nacionais modernos. São esses pormenores que leva à configuração dessa criação jorgeana. Ela está ali para dar vida a essa comunidade que deve transportar uma imagem de fato coletiva, abraçando as várias pessoas excluídas de sua própria zona.

As atitudes dela acontecem de tal forma por visualizar uma linhagem de “patriotismo sem pátria” (JORGE, 2004, p. 131) naquele território, por esse motivo as ações decorrentes dela, tendo em vista essa concepção da nação a qual de fato identifica, se tratam de comportamentos que segue o caminho de uma luta, não com armas, mas aquela que venha ocorrer de forma pacífica, acima de tudo pelo ato da fala, não silenciando-se diante das problemáticas causadas pela política antidemocrática, sendo representada nesse caso pelo projeto português.

Dessa forma, as hostilidades enfrentadas por Eva Lopo trazem reflexões sobre qual lugar devemos ocupar no meio social, visto que convivemos cotidianamente com as iniquidades que a política representa para nós brasileiros, principalmente na atualidade. O que vivemos se assemelha ao contexto político empregado em Moçambique durante vinte anos, pois historicamente a pátria brasileira é apresentada sendo democrática, mas na realidade, observamos que não se importa de fato com as desigualdades, mortes e encarceramentos do povo negro-brasileiro que ocorrem cotidianamente.

Portanto, observamos que a narradora-protagonista, através de sua construção no romance, cultiva um olhar decolonial e ao mesmo tempo que desestrutura a comunidade imaginada Portugal vai, através de ações no dia a dia, possibilitando a criação de um espaço que acolha as distintas multiplicidades de existir no mundo, proporcionando esperança e libertação para as pessoas que ainda hoje se encontram marginalizadas e conseqüentemente subalternizadas, desse modo, estaremos proporcionando um universo passível de tolerância, com exceção da intolerância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossa pesquisa na certeza que havia a necessidade de ampliação analítica ao que se refere à obra *A Costa dos Murmúrios* (2004), de Lídia Jorge, isso porque há um número reduzido de estudos sobre o romance. A partir da leitura feita, observamos que a narrativa carregava um contexto histórico de Guerra Colonial tendo como líderes a tropa portuguesa salazarista no território moçambicano. Aquilo que mais despertou nosso interesse para a realização deste trabalho foi à presença da protagonista Evita-Eva Lopo no espaço colonial, visto que foi diante do seu testemunho que passamos a conhecer as atrocidades do colonialismo europeu, desde a exploração ao corpo negro, ideologias patriarcais, bem como a perspectiva da nação portuguesa possuir um ego imaginativo em relação ao seu território visando o domínio de outras terras.

A partir desse contexto foi possível evidenciar o confronto o qual refletia a política de morte, assim, passamos a compreender os pormenores de uma guerra, como as perversidades que são imbuídas nesses embates. Averiguamos que são ocorrências ligadas a um tipo de política antidemocrática, que não visa proteger aqueles que foram marginalizados e sim contribuir com a continuidade de determinadas ações, demonstrando prazer em subalternizar as pessoas que para eles são inferiores, sobretudo, pela cor (negra) que carregam. Percebemos ao final deste trabalho que as práticas do colonialismo estão intrinsicamente relacionadas ao objetivo de destruir culturas, costumes e corpos em África com o intuito de se tornarem império, tanto ao que concerne ao poder econômico como também a político. Para isso, usam tanto das forças armadas explícitas como meio de obrigar os moçambicanos a se tornarem contribuintes do Estado português e concretizar o projeto imperial, mas também de modos sutis, cotidianos e implícitos, mas perpétuos de submeter a mente, o espírito e os corpos dos outros ao poder soberano que atravessa o Estado moderno.

Tendo como personagem principal uma mulher, despertamos nosso olhar para interpretarmos a sua presença em uma situação que até então era direcionada ao homem. Observamos ainda sua transformação durante o conto para a passagem da própria narrativa romanesca, podendo ser visto o amadurecimento dela. Constatamos que Eva se tornou fundamental para expor as atrocidades da guerra. Com a junção entre texto literário e teorias relacionadas a nossa hipótese de leitura, entende-se que Eva Lopo foi uma criação jorgeana com o objetivo de criticar e romper com os ideais salazaristas e coloniais. Além dessa perspectiva, Eva passou a ser considerada esperança para aqueles que estavam sendo

esmagados pelo regime português. Desse modo, percebemos que Eva Lopo ocupa no romance a representação da visão decolonial necessária.

Ao assimilarmos a posição da protagonista, entendemos que ela se tornou uma espécie de luz no fim do túnel para o povo de Beira (Moçambique). Isso decorre pois ao invés dela ficar em seus aposentos durante o período de guerra como as demais mulheres daquele período, a mesma tem a percepção que deve conhecer mais aquele local, para saber de fato o que está por trás das mortes de tantos africanos. Portanto, verificamos que sua condutada estava voltada para a libertação da comunidade africana em relação a desumanidade dos portugueses, para que convivessem ali com liberdade.

Partindo disso, reparamos que quando Lúcia Jorge (2004) cria em seu texto uma personagem como Eva Lopo, a faz com o desejo de romper padrões daquela época, dando espaço e voz para as mulheres que nesse momento contextual da narrativa eram excluídas dos movimentos sociais. Um dos objetivos da autora era, especialmente, colocar esta figura como centro das ações mais importantes dos acontecimentos que decorrem dentro da obra, posicionando-a como proprietária de sabedoria. Foi pensando nessa conduta ocupada por esta criação jorgeana que enxergamos uma alegoria desta com a Eva, personagem bíblica, uma vez que é caracterizada como uma mulher sábia, emblema da autonomia.

Para entendermos os aspectos da narrativa foi relevante partir de uma pergunta norteadora, a qual foi de grande importância para a concretização do trabalho: Como a construção de Evita-Eva Lopo torna-se um contraponto à Guerra Colonial Portuguesa? A partir dela, foi significativo elaborarmos uma análise mais aprofundada sobre as nuances que fazem parte dos aspectos de guerrilha no espaço moçambicano, de forma que chegássemos a compreensão sobre a construção e desenvolvimento da protagonista que narra o contexto histórico colonial do século XX em África. Desse modo, notamos ao final das análises que verdadeiramente a mulher se transformou na peça primordial para as possibilidades de criação de um novo mundo mais democrático, sobretudo em África.

Investigando esses aspectos, concluímos que Lúcia Jorge faz (re)pensar a nossa atualidade social, particularmente ao que se refere à política de morte, aos governos antidemocráticos que existem no mundo em geral, com as comunidades fechadas, em outras palavras, sociedades intolerantes com as múltiplas diferenças étnicas, ideológicas, de gênero e classe. Por esse viés, através de Eva Lopo, a narrativa jorgeana passa a ser vista como um caminho do despertar da luta prática para que cada vez menos, até cessar, a intolerância o autoritarismo não ocorram e que as pessoas não sejam esquecidas, descartadas e

marginalizadas do universo político, para que os benefícios para todos um dia possam ser reais.

Dessa maneira, nosso desejo é que os estudos jorgeanos não parem, mas que se ampliem, pois se trata de uma narrativa que leva em sua conjuntura uma diversidade de temáticas políticas que precisam ser investigadas e descobertas. Outrossim, almejamos com essa pesquisa possibilitar a expansão dos estudos da literatura contemporânea, especificamente a portuguesa e as demais obras da escritora Lídia Jorge. Descobrimos em *A Costa dos Murmúrios* eventualidades e personagens que trazem reflexões acerca do cotidiano de indivíduos que convivem em contextos complexos, como o contexto político o qual analisamos no referido romance. Portanto, é diante de situações como a elaborada por Lídia Jorge que passamos a entender e conhecer a vida que ocupamos na sociedade, bem como o sofrimento dos outros que são subjugados.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo**: ensaios de crítica. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2015.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FANON, Frantz. *Racismo e cultura*. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 273-285.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Vol. 1. 3. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- JORGE, Lúcia. **A costa dos murmúrios**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**: psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote. 5 Ed, 1992.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. **Política da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Portugal: 1 ed., 2017.
- VECCHI, Roberto. **Exceção Atlântica**: pensar a literatura da Guerra Colonial. – N.º de Edição. 1304: Edições Afrontamento, 2010.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.